



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
EDVALDO SOUSA DO Ó - CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

TALITA DE OLIVEIRA E SILVA

**AS APROXIMAÇÕES ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: MEMÓRIA E
REPRESENTAÇÕES DA FESTA DE SANTA ANA - ALAGOA NOVA - PB (1960 -
1980).**

**CAMPINA GRANDE
2017**

TALITA DE OLIVEIRA E SILVA

**AS APROXIMAÇÕES ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: MEMÓRIA E
REPRESENTAÇÕES DA FESTA DE SANTA ANA - ALAGOA NOVA - PB (1960 -
1980).**

Trabalho de Conclusão do Curso de História submetido à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Talita de Oliveira e.
As aproximações entre o sagrado e o profano: memória e representações da festa de Santa Ana - Alagoa Nova - PB (1960 -1980). [manuscrito] : / Talita de Oliveira e Silva. - 2017.
40 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Cultura. 2. Patrimônio cultural. 3. Memória cultural.

21. ed. CDD 306

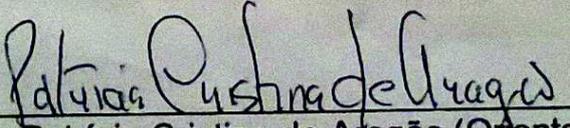
TALITA DE OLIVEIRA E SILVA

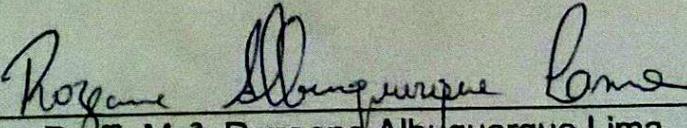
AS APROXIMAÇÕES ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA FESTA DE SANTA ANA - ALAGOA NOVA - PB (1960 - 1980).

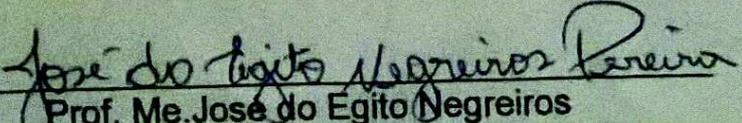
Trabalho de Conclusão do Curso de História submetido à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Aprovada em: 15/12/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ms.^a Rozeane Albuquerque Lima
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)


Prof. Me. José do Egito Negreiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, pelo apoio, compreensão e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo grande apoio, por ter me ajudado nos momentos mais difíceis, e ter me feito acreditar que eu conseguiria.

À professora Patrícia Cristina de Aragão pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pelo apoio durante todo o processo de elaboração do artigo e pela dedicação.

Aos meus pais Ramalho da Silva e Ana Correia de Oliveira e Silva, aos meus irmãos, Thaís de Oliveira e Silva, Thainá Aparecida de Oliveira e Silva e Técio Domingos de Oliveira e Silva, pela compreensão e ajuda.

Aos amigos que fiz durante a graduação, em especial, a Maria José, Doralice, Aldiene, Maria Clebiana e Marcílio. Pelo apoio de sempre.

“Então, havia muita movimentação a cidade ficava engalanada de folgedos, de tudo isso em reverência, reverenciando a nossa padroeira”(Luciano Francisco de Oliveira).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Banda Filarmônica.	29
Figura 2: Encontro no Pavilhão em 1985.	31
Figura 3: Pavilhão 1984.	32
Figura 4: Jornal O Riso 1981.....	35
Figura 5: Garçonete de 72.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 A cidade e suas práticas culturais	11
1.2 A festa como representação da memória de Alagoa Nova	16
2. Alagoa Nova e suas origens.....	23
3. A festa de Santa Ana de Alagoa Nova representada no olhar de seus moradores	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
ABSTRACT	39
REFERÊNCIAS.....	40

AS APROXIMAÇÕES ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA FESTA DE SANTA ANA - ALAGOA NOVA - PB (1960 - 1980).

Talita de Oliveira e Silva.¹

RESUMO

A festa de Santa Ana se constitui num importante patrimônio cultural da cidade de Alagoa Nova – PB, pois dos aspectos, religiosos aos ditos profanos, a festa tem marcado a história da cidade. Este estudo aborda esta festividade sob a perspectiva dos espaços de diversão, lazer e sociabilidade que os moradores da cidade vivenciavam a partir do que ocorria na festa. E é nessa perspectiva que trazemos como proposta a festa de Santa Ana na cidade de Alagoa Nova – PB, no período em que vai de 1960 - 1980, um estudo sobre a localidade. Essa festividade faz parte da história deste município como sendo um patrimônio imaterial da cidade de Alagoa Nova. Tendo a festa como objeto de estudo, nosso objetivo é analisar como a festa de Santa Ana é representada entre os moradores da cidade de Alagoa Nova. Os caminhos metodológicos da pesquisa foram centrados na metodologia da história oral temática, na qual utilizamos como fontes, a entrevista semiestruturada e também fotografias. Os sujeitos de nossa pesquisa foram moradores da cidade de Alagoa Nova, que fazem parte da organização e história da festa e são conhecedores do evento festivo. Vislumbramos que o estudo desta festividade é de grande importância para contribuir com a construção da história da cidade, pois trata-se de uma nova perspectiva sobre o local, estabelecendo relação com este a partir desta prática cultural que está presente no município e que faz parte desta história.

Palavras-chave: Festividade. Memória. Cidade. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar a festa da padroeira, a festa de Santa Ana na cidade de Alagoa Nova – PB, com o objetivo de analisar a festa representada através da memória de seus moradores. Trabalharemos através da história oral temática, pois a “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006. p. 18).

Temos como objetivos específicos, discutir sobre a história local enfatizando o lugar das festividades religiosas de Santa Ana no contexto histórico social da cidade e as representações elaboradas na memória de seus moradores; identificar a

¹Aluna da Graduação de Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba- Campus I - Campina Grande.
Email:talitawy@hotmail.com

importância da festa de Santa Ana na construção histórico cultural de Alagoa Nova, articulando os saberes orais com as práticas culturais; analisar de que modo a festa de Santa Ana no contexto da história de Alagoa Nova é representada na memória de seus moradores e nas práticas culturais cidadinas.

Como referencial teórico de análise utilizamos, Pollak (1992), Gondar (2008), Pesavento (2003), Buker (2005), Certeau (2001), Barros (2007), Couto (2008), Cruz, Menezes e Pinto (2008), Sales (1990).

Os sujeitos de nossa pesquisa foram moradores com uma faixa etária de 49 a 61 anos. Um dos sujeitos, o senhor Luciano Francisco de Oliveira, tem 61 anos de idade e é morador da localidade. O mesmo possui curso superior e trabalha como chefe de gabinete do atual prefeito do município. O outro sujeito é Pedro Saulo Bezerra de Melo, tem 49 anos, possui curso superior e trabalha como psicólogo terapeuta na cidade de Campina Grande – PB. A importância dos sujeitos para a pesquisa foi que a partir das falas deles, das narrativas sobre o tema pesquisado, podemos entender melhor a trajetória de nosso objeto.

O lócus da pesquisa foi a cidade de Alagoa Nova que se situa no brejo paraibano. O estudo desta temática é de grande importância para a construção histórica do município de Alagoa Nova. A escolha desta temática se dá pelo fato de meus familiares fazerem parte desta festividade e também por eu ter crescido vendo a festa, como também, por ser moradora do município de Alagoa Nova, me recorreu à ideia de se trabalhar esta prática cultural pelo motivo de que os trabalhos que já foram produzidos sobre a cidade, ainda não terem abordado o tema em questão, sendo este um tema inédito no curso que se relaciona a localidade pleiteada para a pesquisa.

Pretendendo trabalhar a festa de Santa Ana como ponto de encontro da sociedade alagoa-novense, um festejo que une desde os moradores da zona urbana até os da zona rural, onde ambos se unem em celebração à santa e também para o intuito maior da festa que é arrecadar fundos para a manutenção da paróquia. Esta prática cultural trás consigo não só o encontro de moradores que ainda permanecem no município, como também a volta de filhos da cidade que moram em outros lugares do país e que retornam ao município para participar de tal festividade. Além do seu teor religioso, a festa de Santa Ana também pode ser vista como um patrimônio histórico cultural da cidade de Alagoa Nova e que faz parte da memória local, pois ela se constitui para eles como espaço de sociabilidade e de encontro

festivo. Nossas fontes de pesquisa foram entrevistas semiestruturadas e fotografias, elas foram importantes na leitura do nosso objeto.

O artigo está organizado em tópicos, a saber, no primeiro tópico, *1.1 A cidade e suas práticas culturais*, discutiremos sobre o surgimento do conceito de cultura na visão de diversos autores e como este conceito se modificou ao longo da história, passando a abarcar desde a cultura popular até a cultura erudita, como também como se constituiu os estudos sobre cidade e como os festejos estão inseridos na cultura da cidade. No tópico, *1.2A festa como representação da memória de Alagoa Nova*, trataremos o que é memória e seus lugares de memória segundo Pollack (1992), a distinção entre as memórias, social, coletiva e individual apresentadas por Gondar (2008), como também a definição do conceito de representação feita pela historiadora Pesavento (2003) e o conceito de festividade nos autores Couto (2008) e Cruz, Menezes e Pinto (2008). No tópico, *2. Alagoa Nova e suas origens*, mostraremos o surgimento do município de Alagoa Nova a partir da obra de Sales (1990). E, por fim, no último tópico *3.A festa de Santa Ana de Alagoa Nova representada no olhar de seus moradores*, trataremos a festa pelo olhar dos moradores com base nas entrevistas.

1.1A cidade e suas práticas culturais

Inicialmente trazemos as múltiplas definições de cultura apresentadas por diversos pensadores, para mostrar como ao longo da história a denominação do que seria cultura foi mudando e tomando outras formas. Para os estudiosos da cultura o termo trás diversos significados, dentro da linha da História Cultural, o que antes não se era trabalhado passa a ser estudado. Diante de tantas transformações, cultura passa a agrupar diferentes classes dentro da sociedade. As festividades se enquadrariam dentro desse grande universo que é a História Cultural. Como trás Certeau (2001) que o emprego da palavra cultura pode ser elencado de diferentes formas. Então, dentro dessa ótica, pensar as festividades seria trabalhar a história de um povo ou de uma determinada sociedade a partir da cultura popular.

Essas novas abordagens no campo da História Cultural nos permitiu pensar a importância de se discutir a história local, trazemos então a festa de Santa Ana na cidade de Alagoa Nova, como patrimônio cultural de grande destaque dentro de sua história e que abordar tal festividade é importante na construção histórica do município. Uma prática cultural e religiosa que faz parte da memória da cidade.

Para a autora Pesavento (2003) foi a partir da primeira metade do século XIX que surgiu historiadores preocupados em produzir histórias nacionais, histórias que pretendem capturar o espírito do povo. Entre esses historiadores, um de grande destaque foi Jules Michelet, que trouxe uma história em que os protagonistas dela e de seus acontecimentos, eram o povo, as massas. Michelet será, então, para a autora, como um precursor, o que ela denomina “pai ancestral” desta corrente que contemporaneamente é chamada de História Cultural.

Segundo ela essa denominação de ancestralidade dentro da História Cultural, é dada a ele pelos historiadores franceses, pois Michelet era visto como “um historiador da cultura que portava uma nova sensibilidade” (PESAVENTO, 2003, p. 20) o que eles chamavam de um percurso intelectual. Portanto, para ela havia em Michelet uma “nova postura de trabalhar a História” (PESAVENTO, 2003, p. 20) e isso nota-se a partir dos temas que eram trabalhados por ele, que para o período em que ele viveu não era tão comum, como, por exemplo, os estudos em que ele trabalhava a mulher .

Pesavento (2003) cita Edward Thompson que trabalhava dentro de uma análise classista e fazia parte do grupo dos neomarxistas. Para ela este autor abandonou o marxismo-leninismo, que apontava a classe a partir da posição ocupada aliada aos meios de produção. Thompson faz, então, um alargamento de tal conceito dizendo que a categoria deveria ser apreciada na sua experiência como classe. Desse modo, Thompson resgata a dimensão do empírico para o historiador, ou seja, a pesquisa do arquivo como sendo indispensável. E “o fazer-se de uma classe implicava” tanto se adentrar nos caminhos da construção de uma cultura de classe, como também implicava na observação de modos de vida e de valores.

De acordo com Pesavento (2003), o autor alemão Burckhardt é um dos precursores que trabalha a vertente do culturalismo na linha do pensamento alemão. Ela cita que em sua obra intitulada “A civilização da Renascença na Itália” que foi publicada em 1860, ele trabalha os aspectos da sociedade manifestados em termos culturais. Segundo ela, em sua obra, ele apresenta uma História com acontecimentos “que se diluíam diante da exposição do clima de uma época” (PESAVENTO, 2003, p. 22), ou seja, das formas de pensar da época trabalhada.

Para Peter Buker (2005) o termo cultura antes costumava se referir às ciências e às artes, só que posteriormente esse quadro se modificou e cultura passou a integrar a chamada cultura popular, foi empregada para descrever os

“equivalentes populares” (BUKER, 2005, p. 43), como, por exemplo, as músicas populares. Só que na última geração ocorreu uma amplitude no significado da palavra, pois ela passou a se referir ao que ele denomina de “uma ampla gama de artefatos” (BUKER, 2005, p. 43) e também de práticas, ou seja, passou a se referir a um todo.

O autor traz a fala do antropólogo Edward Taylor que apresenta o conceito de cultura como sendo “o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (BUKER, 2005, p. 43). Ou seja, para ele é a partir de uma preocupação antropológica com o social, com o cotidiano de uma sociedade onde há uma divisão de trabalho, que, segundo o autor, encorajou esse emprego do termo “cultura” como sendo algo amplo.

Para Peter Buker (2005) a história cultural não é uma descoberta, porque já vinha sendo praticada na Alemanha há mais de 200 anos. Ele divide a história da história cultural em quatro fases, a sua fase “clássica”, a fase que trata a “história social da arte”, que, segundo ele, começa em 1930; em 1960 a terceira com a descoberta da história da cultura popular e a quarta fase com o que ele chama de “nova história cultural”. A história cultural “clássica” para Peter Buker se deu entre 1800 e 1950, período em que os historiadores culturais se encontraram concentrados na história dos clássicos.

Para Buker (2005) a História Cultural se desenvolveu na Alemanha antes da sua unificação. Ele cita um dos dois maiores historiadores culturais do período, o inglês Jacob Burckhardt e o holandês Johan Huizinga. Segundo ele, apesar de serem profissionais acadêmicos eles escreveram suas principais obras para o grande público.

Segundo Buker (2005), Huizinga dizia que “o principal objetivo do historiador cultural era retratar padrões de cultura”, ou seja, ele descobre tais padrões quando estuda “temas”, “símbolos”, “sentimentos” e “formas”. À medida que “descreve os pensamentos e sentidos característicos de uma época”. Então, para ele “a abordagem de Huizinga à história cultural era essencialmente morfológica”, porque ele estava preocupado com o estilo de toda uma cultura e com o estilo de pinturas e de poemas individuais (BUKER, 2005, p. 18-19).

Denys Cuhe (1999) ao abordar o conceito de cultura, mostra que ao longo do século XIX as reflexões que irão surgir sobre o ser humano e a sociedade

resultarão na criação da sociologia e da etnologia como disciplinas científicas. O debate vinha de como pensar a especificidade humana na diversidade dos povos. O conceito de cultura surge como instrumento para pensar a maior dificuldade dos etnólogos que era pensar “a diversidade na unidade” (CUCHE, 1999, p. 33-35).

Cuche diz que diferente da filosofia “os fundadores da etnologia vão lhe dar um conteúdo puramente descritivo” (CUCHE, 1999, p. 34), pois, para eles não se trata dizer o que deve ser a cultura e sim descrevê-la o que ela é da mesma maneira como aparece nas sociedades humanas.

Para Cuche (1999) a introdução do conceito de cultura se fará com sucesso desigual nos países onde a etnologia nasce e não haverá entendimento entre as diferentes “escolas” com relação ao emprego da palavra cultura, se deve ser utilizado o seu conceito no singular “a cultura” ou no plural “as culturas”, em um emprego que ele denomina universalista ou particularista da palavra.

De acordo com Cuche (1999) a primeira definição etnológica do termo cultura vem por parte do antropólogo britânico Edward Burnett Taylor, onde ele apresenta uma definição para o conceito de cultura e o conceito de civilização. Cuche define que para Taylor “a cultura é a expressão da totalidade da vida social do homem”, ou seja, ela irá se caracterizar pela sua dimensão coletiva. Para Taylor a cultura é adquirida e não dependerá da sua hereditariedade biológica. Cuche diz que Taylor foi o primeiro etnólogo que abordou “efetivamente os fatos culturais sob uma ótica geral e sistemática” (CUCHE, 1999, p. 35) e, segundo ele, Taylor também foi o primeiro que se dedicou a estudar cultura em todos os tipos de sociedade.

Certeau (2001) trabalha cultura não como sendo única, aborda os diversos tipos de culturas existentes dentro de uma sociedade. Então, para ele a palavra cultura pode ser empregada de diferentes formas dependendo de suas abordagens. Dentro da sua abordagem acerca dos problemas culturais, Certeau apresenta o que ele chama de “Abecedário da Cultura”, onde ele trás as diferentes formas do que se classifica como cultura. Ele aborda desde o que seria considerada uma cultura popular até uma cultura erudita. O autor trás neste abecedário a maneira em que o termo cultura é aplicado na sociedade e também como é empregada a palavra cultural. A ideia trabalhada por Certeau é de que o trabalho acerca do que é cultura não deve priorizar apenas um grupo.

O conceito de cultura como nos mostra os autores foi se modificando ao longo da história e se estendeu, passando a agrupar um campo mais amplo, pois, pensar

a cultura em sua amplitude é observar como ela se faz presente dentro da cidade e, a partir disso, ver como festejos populares como as festas de padroeiros, estão inseridos neste contexto e fazem parte da tradição de muitas cidades.

Segundo Barros (2007) data do século XIX o surgimento de uma reflexão moderna sobre cidade e sua organização social, tanto na área historiográfica como também no campo da sociologia, pois, para ele, nos anos anteriores ainda não se tinha manifestado uma motivação que transformasse a reflexão sobre cidade “em um campo mais específico do saber” (BARROS, 2007, p. 9). Então, mesmo que o tema cidade estivesse presente nas reflexões de pensadores e filósofos, ele ainda não tinha sido pensado na sua especificidade.

Para o autor é a partir do século XIX que este cenário vai se modificando sensivelmente, pois, é um período em que vai surgir o que ele chama de “pensadores da sociedade” que seriam os historiadores, os sociólogos e antropólogos. Que estarão preocupados em compreender as especificidades do que para ele seria o “viver urbano”, ou seja, pensar as diferenças deste viver em relação aos outros ambientes sociais.

Para ele as sociedades ocidentais, que durante o século XIX ainda estavam vivendo o período de grande destaque das idéias evolucionistas de Darwin, viam na cidade uma etapa avançada do desenvolvimento. As cidades ocidentais eram vistas como esse símbolo da evolução humana, uma visão etnocêntrica do urbano ocidental como sendo moderno e Barros (2007) diz que as primeiras reflexões sobre a cidade, sobre o urbano, trarão a visão para muitos da cidade como etapa evolutiva do homem e dela como um destino.

Barros (2007) nos trás que na segunda metade do século XX surgem novas preocupações com relação ao estudo da cidade, ou seja, a cidade agora não é mais vista apenas a partir de seu modelo político-institucional. Surge, então, um conjunto de reflexões que teriam como objetivo capturar a essência urbana. Ele diz que o sociólogo e o historiador passaram a “fabricar imagens diversas”, novos conceitos são desenvolvidos como, por exemplo, da cidade vista como um “texto” e que nele “podem ser lidos os códigos mais amplos de sua sociedade”. Para o autor, visualizar a cidade como sendo um texto é vê-la como um registro das atitudes de uma sociedade diante dos fatos mais elementares da sua existência, como também a cidade vista como uma “obra de arte” é vista por ele como um concreto registro da memória humana.

A cidade como nos mostra Barros (2007) em nossa sociedade ocidental foi vista em seus primeiros estudos sobre ela como o berço do desenvolvimento humano e que ao longo da história a discussão sobre o tema ganhou importância, passou-se a discutir mais a temática.

Discutir tal temática se faz importante ao se pensar que uma festa como a de Santa Ana em Alagoa Nova – PB ocorre dentro da cidade e a partir dela se pode fazer um estudo sobre a sociedade desta localidade. A ideia de pensar o profano da festa e as relações sociais que se faz presente, seguindo esta ótica apresentada por Barros (2007), pensa a cidade como um texto e que nele podemos fazer uma leitura daquela sociedade, a partir do momento que visualizamos tal festividade como parte da história da cidade e como o cenário da cidade se modifica para esta comemoração religiosa.

1.2 A festa como representação da memória de Alagoa Nova

Este trabalho tem por objetivo analisar as memórias da festa de Santa Ana a partir das representações dos seus moradores e, por isso, apresentamos a discussão do que seria memória para Michael Pollak (1992) e os fenômenos que constroem esta memória, a distinção entre as memórias, social, coletiva e individual apresentadas por Gondar (2008), como também a definição do conceito de representação feita pela historiadora Pesavento (2003). Inicialmente trataremos o conceito de festa, festas religiosas e culturais com base em Couto (2008) e Cruz, Menezes e Pinto (2008), para mostrar como a temática surge como estudo para os historiadores.

De acordo com Couto (2008) para o filósofo Mircea Eliade toda festa religiosa é baseada em um tempo mitológico, “no qual os participantes se tornam contemporâneos do acontecimento mítico” (ELIADE, 1992 *apud* COUTO, 2008, p. 3). Couto (2008) afirma que, com relação a esta afirmação, tem que se ter um cuidado, porque apesar de anualmente os festejos serem repetidos, eles não compõem uma estrutura fixa, pois, mesmo as festividades possuindo estruturas formais, nelas podem ocorrer a “flutuação” dos elementos, que, para a autora, podem desaparecer, acarretando na incorporação de novos e até mesmo no ressurgimento daqueles que foram perdidos. De acordo com o historiador Noberto Luiz Guarinello (2001) *apud* Couto (2008):

[...] apesar das inúmeras interpretações que se possa dar, festa é um ato coletivo que implica uma determinada estrutura social de produção. É preparada, custeada, planejada e montada segundo regras elaboradas no interior da vida cotidiana; envolve a participação coletiva na sociedade em seu conjunto ou em grupos nos quais os participantes ocupam lugares distintos e específicos; aparece como uma interrupção do tempo social, suspensão temporária das atividades diárias; articula-se em torno de um objeto focal: um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou uma satisfação coletiva; e, por fim, pode gerar produtos materiais ou significativos, principalmente a produção de uma identidade (COUTO, 2008, p. 3).

Essa definição apresentada por Couto (2008) em seu texto, não só define o que é festa, como também mostra traços que estão presentes em festas religiosas como as festas de padroeiros.

Couto (2008) em sua obra cita diversas publicações de trabalhos que foram feitos sobre festividades que foram produzidas no Brasil. O fato dela nos apresentar estas obras, nos faz pensar o quanto os estudos sobre estas temáticas são importantes e que abordar um tema como a festa de Santa Ana na cidade de Alagoa Nova – PB enriquece ainda mais o acervo brasileiro de estudos sobre festas. A festa é importante na construção da história local do município de Alagoa Nova, pois as festas e, sobretudo esta de Alagoa Nova, faz parte da memória histórica da cidade. Deste modo, trazer a cidade através desta festa nos permite compreender as nuances históricas, dos espaços de lazer, sociabilidade e relações sociais que a mesma apresenta.

Segundo a autora Couto (2008) os estudos sobre devoções e festas se iniciaram na Europa a partir dos anos 70 do século XX e foram influenciados pelos estudos sobre as mentalidades neste mesmo ano. Ela diz que segundo o historiador francês Michel Vovelle, a religião popular é descoberta tardiamente pelos historiadores. Couto (2008) enfatiza que temas que antes eram de interesse de antropólogos e etnólogos como as festividades, passam a ser objeto de estudo dos historiadores na Europa nos anos 70 do século XX e no Brasil, segundo ela, se inicia no final dos anos 80.

Couto (2008) fala que os primeiros trabalhos produzidos e apresentados em congressos internacionais sobre festa tinham como objeto de estudo as celebrações cívicas e religiosas do Brasil colonial e o objetivo principal era analisar as imbricações entre o sagrado e o profano. Então, para ela, eram historiadores que se dedicaram a pesquisar sobre sociedade e cultura (COUTO, 2008).

Para Couto (2008) o primeiro trabalho que tratava especificamente sobre festas no Brasil, foi publicado no começo dos anos 90, o livro *“Festas e Utopias no Brasil Colonial da historiadora Mary Del Priore”* (apud COUTO, 2008). A autora vai dizer que nos anos 90 do século XX no Brasil vão surgir pesquisas que tinham a festa como tema principal. Então, ela vai dizer que o interesse de pesquisadores brasileiros pela temática fez com que o começo do novo milênio trouxesse trabalhos que tiveram como eixo central a discussão sobre as manifestações religiosas e temáticas como as comemorações cívicas e o carnaval (COUTO, 2008).

Em Couto (2008) apresentamos o surgimento dos estudos sobre festividades no Brasil para mostrar como este objeto de estudo passou a ser valorizado ao longo dos anos. Dando continuidade dentro da mesma temática trazemos agora as festividades culturais em Cruz, Menezes e Pinto (2008), para mostrarmos as festas culturais no Brasil.

Para Cruz, Menezes e Pinto (2008), ao se abordar as culturas populares deve-se destacar que todo lugar possui um significado de existência que torna o espaço “singular”, ou seja, definidor de uma identidade que segundo os autores veem construir pertencimento e até mesmo identidades, à medida que expressões culturais diversas convivem em um mesmo espaço e dialogam entre si e as práticas culturais que são exercidas no cotidiano de uma comunidade, consolidam, então, referência a determinado grupo. Os autores ressaltam que as festas culturais “são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos” (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008, p. 2- 3) e em todos os níveis da sociedade.

Devido à confluência de diferentes culturas no Brasil, foram ampliadas as maneiras com as quais o povo brasileiro celebra seus rituais, seus santos, suas festas de largo, suas colheitas, suas datas comemorativas delineando ricas manifestações culturais (CRUZ, MENEZES, PINTO, 2008, p. 5).

Os autores mostram que as manifestações culturais são representativas da voz social, é, então, uma forma subjetiva que um grupo de pessoas encontra para expor e expressar seu interior.

Cruz, Menezes e Pinto (2008) dizem que nos festejos populares as práticas do passado chegam ao presente, revelando características culturais que são identificadas a partir de um aparato de símbolos. Como cita Trigueiro (2007) apud Cruz, Menezes e Pinto (2008), práticas do passado que chegam ao presente

com suas diversidades nacionais, regionais e locais e que incorporam também novos valores simbólicos e constroem novas identidades.

A partir do que nos mostra os autores se faz de suma importância a valorização de práticas culturais como os festejos populares. A festa de Santa Ana neste contexto se faz presente como um patrimônio imaterial da cidade de Alagoa Nova e de grande valor na construção histórica da cidade.

Pollak (1992) ao analisar a memória mostra que ela pode parecer um “fenômeno individual”, algo do íntimo da pessoa. Mas, ele diz que o sociólogo Maurice Halbwachs já tinha destacado nos anos de 1920-1930 que memória deve ser também entendida como um fenômeno coletivo e social. Ou seja, é uma construção coletiva que está sujeita a transformações.

Ao apresentar a memória individual e coletiva Pollack (1992), nos trás os elementos construtivos da memória. Os acontecimentos que são vividos pessoalmente é o primeiro deles e em sequência vêm os acontecimentos que ele denomina “vividos por tabelas” que são acontecimentos vividos por um grupo de pessoas, pelo coletivo. Tais acontecimentos que ele chama “vividos por tabela”, são aqueles que se apresentam, segundo ele, como uma memória herdada, em que especificamente naquele recorte temporal a pessoa não participou do acontecimento ou um determinado grupo, mas que a partir do imaginário aquilo passou a fazer parte de suas lembranças.

Outro conceito apresentado por Pollak (1992) são os “lugares de memória”, que é o que ele chama de lugares de apoio da memória. O autor dá o exemplo dos monumentos dos mortos que, segundo ele, serve como lembrança daquele período em que a pessoa viveu ou pode ser um período vivido por tabela.

Para Pollak (1992) “a memória é seletiva”, pois nem tudo fica gravado ou registrado. Ou seja, em uma memória seletiva do que é lembrado e está no interesse de determinado grupo ou muitas vezes apenas fatos marcantes, são lembrados. Para o autor a memória é um fenômeno construído individualmente e socialmente e ele diz que com relação à “memória herdada” existe uma ligação “fenomenológica” entre o sentimento de identidade e a memória.

Por fim, ele define memória como sendo “um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva [...]” (POLLAK, 1992, p. 204). Então, para ele, a construção de uma identidade é um fenômeno que é produzido em referência aos critérios de aceitabilidade e é feito a partir

das negociações diretas com os outros. Ele destaca que memória e identidade não devem ser compreendidas como sendo fenômenos essenciais de uma pessoa ou de um grupo, pois elas podem ser negociadas. Vai fazer o que ele chama por “flutuações” que são as transformações.

Gondar (2008) diz que a uma distinção entre memória social e coletiva e até mesmo entre os critérios que são usados nesta diferenciação, pois depende da forma de cada autor. Ela diz que para um historiador como Jacques Le Goff, preferiria designar a memória coletiva para os povos sem escrita e a memória social para os povos onde já se tenha a escrita. O que, segundo ela, difere do paleontólogo Leori-Gourhan, onde memória irá consistir em uma base, em que sobre ela se inscrevem as ligações de atos, de animais, de seres humanos ou até mesmo de máquinas e ele reservará, segundo ela, a memória coletiva apenas para as sociedades humanas.

Para Gondar (2008) a invenção da escrita permitirá a criação de novas técnicas de memória, as mnemotécnicas, que foram inventadas pelos gregos e que a historiadora inglesa Francis Yates produziu uma pesquisa esclarecedora e minuciosa sobre as mnemotécnicas. A autora define memória fazendo a comparação a um edifício que possui diversos cômodos e que cada um guarda certo número de imagens ordenadas. Com relação às mnemotécnicas ela diz que exige uma rememoração exata e que é uma exigência que obedece a lógica da escrita.

Gondar ressalta que para as sociedades de memória oral, onde a dimensão narrativa é privilegiada as lembranças geralmente são reconstruídas por aquele que narra e a memorização mecânica não se é apreciada. E que os critérios considerados tradicionais que distingui memória coletiva e memorial social, que se fundamentam na presença e na ausência da escrita serão questionados por alguns autores.

Para Gondar (2008) o historiador Roger Chartier colocou em dúvida o contraste tradicional que há entre sociedades orais e escritas, e que é um fundamento da distinção entre memória social e memória coletiva. Essa divisão, segundo ele, acabou levando ao compartimentar das abordagens de ambos os modos de transmissão, o que culminou em uma separação entre a antropologia histórica e história cultural mais clássica e que para ele tal oposição não daria conta do período entre os séculos XVI e XVIII, onde a memória oral convive com a

memória escrita e que esse encontro acaba por promover práticas múltiplas. De acordo com Le Goff (1990) *apud* Gondar (2008):

Jacques Le Goff afirma que o conceito de memória nos remete, em primeiro lugar, a um fenômeno individual e psicológico, que permitirá ao homem a atualização de impressões ou informações passadas (GONDAR, 2008, p. 3).

Nesta definição dada por Le Goff (1990) *apud* Gondar (2008), ele define a memória individual segundo sua concepção, como uma memória caracterizada pelas experiências individuais de cada ser humano.

Analisando a partir do campo da História, a autora apresenta definição de memória coletiva elaborada pelo historiador Pierre Nora. Segundo ela, o historiador define memória como sendo “o que fica no passado vivido dos grupos” (GONDAR, 2008, p. 3). Para ele, os traços da memória histórica que são difundidos e vinculados pela mídia são elaborados por vários grupos que acabam constituindo uma memória coletiva que pressiona a história. Segundo a autora, Nora faz essa observação em seus estudos onde ele tentou reescrever a história da França através dos lugares de memória social.

Gondar (2008) diz que há uma distinção entre a memória social e a memória individual. Mas, ela diz que para pensadores do campo social como o antropólogo Edgard Morin, a memória individual pode de maneira metafórica esclarecer os problemas da memória social e coletiva, pois para ele a amnésia da memória individual pode causar a perda voluntária ou involuntária da memória coletiva em algumas sociedades e que traria então para o indivíduo perturbações graves de identidade. Neste raciocínio, segundo ela, o que está em jogo é a possibilidade de estabelecer semelhanças entre o indivíduo e o social, mesmo assim não significa que colocar ambos sobre um mesmo plano, pois ela diz que, para Edgard Morin, a distinção entre o social e o individual permanece.

A autora também cita o historiador LucienFebvre que, segundo ela, em 1938 já havia questionado a oposição que há entre indivíduo e sociedade. Ela diz que para ele o indivíduo é aquilo que permitam que ele seja e isso se refere tanto a sua época como ao seu meio social. Ou seja, o social penetra o indivíduo antecipadamente e é ele que determina os seus hábitos e modos de pensar, de agir e de querer.

Segundo Gondar (2008), os diversos sentidos que cabem à definição de memória fazem a sua riqueza e a partir das diversas possibilidades que ela permite o passado, pode ser tanto lembrado como reinventado, ou seja, para ela a partir da história de um sujeito seja de uma memória individual ou coletiva, ela pode ser uma história de diferentes sentidos. Ela quer dizer que se abre a possibilidade desta memória ser criada e recriada pelos diferentes sujeitos.

Para Pesavento (2003) o conceito de representação é uma das categorias centrais da História Cultural e foi incorporada pelos historiadores no século XX a partir de formulações feitas por Émile Durkheim e Marcel Mauss. Ambos, segundo ela, estudaram nos povos primitivos as formas que são integradoras da vida social e que são construídas para mantimento da coesão do grupo, “e que propõem como representação de mundo” (PESAVENTO, 2003. p.39). Estão, então, expressas por normas, em diversos lugares, como imagens, ritos, em discursos, e até mesmo em instituições. Essas representações formam para a autora como se fosse “uma realidade paralela à existência dos indivíduos”, e que mesmo assim fazem com que os seres humanos vivam por elas e nelas. “As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência” (PESAVENTO, 2003, p.39).

Pesavento (2003) mostra que a partir das representações que os grupos e os indivíduos constroem acerca da realidade, eles irão dar sentido ao mundo e elas geram condutas e práticas sociais que, segundo ela, são dotadas de força integradora. Segundo ela, a representação envolve alguns processos como de percepção, reconhecimento, identificação, classificações, exclusão e legitimação. Ela define representação como sendo não uma cópia do real e sim uma construção feita a partir dele.

De acordo com Pesavento (2003), as representações são portadoras também do simbólico, pois, segundo ela, elas dizem algo mais do que aquilo que enunciam e mostram, são carregadas de sentidos ocultos construídos historicamente e socialmente, e que se incorporam no inconsciente coletivo, apresentando-se como naturais e dispensando reflexões. Para ela, a força da representação se dá na sua capacidade de mobilizar e produzir reconhecimento e legitimidade social, inseridas em regimes de credibilidade e verossimilhança e não de veracidade.

Segundo ela, as representações apresentam configurações múltiplas e que se pode dizer que o mundo neste contexto é construído de forma variada e contraditória, pelos diversos grupos sociais. Ou seja, quem tem então “o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo” (PESAVENTO, 2003. p. 41) tem, portanto, o controle da vida social, e expressa a sua supremacia que foi conquistada em uma relação histórica de forças. Ela que dizer que o grupo vai impor sua maneira de mundo, propondo seus valores e normas, que irão ser definidores dos limites e autorizaram os papéis sociais e os comportamentos.

Então, a autora conclui que o que é proposto pela História Cultural seria a construção do passado através das representações na tentativa de chegar às formas discursivas e imagéticas, pois é nelas que os seres humanos expressam o mundo e a si próprios.

Concluimos que as festividades como as de santos padroeiros possuem práticas culturais do passado que permanecem e até mesmo podem ser ressignificadas no presente e como a memória pode ser utilizada como fonte histórica, pois a partir dela, práticas são passadas por gerações. A memória pode ser “herdada” como nos mostra Pollak (1992), ela carrega a identidade de um indivíduo ou até mesmo de um grupo, da mesma forma que as representações carregam símbolos que foram construídos historicamente. Ou seja, analisar a festa de Santa Ana através do olhar de seus moradores é mostrar através de suas memórias as práticas culturais que se faziam presentes no festejo e que nos dias atuais muitas delas foram substituídas.

2. Alagoa Nova e suas origens

Inicialmente neste tópico discutiremos sobre as origens da cidade de Alagoa Nova e tomamos para esta discussão o posicionamento de Sales (1990), que em sua obra sobre a cidade de Alagoa Nova nos mostra o início de seu povoamento, desde o momento em que ainda era uma Vila. Segundo Sales (1990), os índios Cariris habitavam a região da Borborema e se agrupavam em várias aldeias. Entre essas aldeias se encontravam os Bultrins, que habitavam a serra do Bodopitá nas regiões agrestes do planalto e também na bacia superior do rio Mamanguape e terras úmidas da zona do Brejo.

Machado (1912) *apud* Sales (1990) menciona que:

Missionários movidos de espírito catequético, orientados certamente por guias conhecedores da região, enfrentaram o sertão desconhecido, por trilhas primitivas escalando os contrafortes da Borborema até alcançar a região úmida da serra. Chegaram então ao lugar denominado de Bultrin, um pouco ao norte de Campina Grande. [...] Em páginas anteriores revela Machado o fato histórico de que, em Aldeia Velha, certamente esteve o primitivo aldeamento dos Cariris (SALES, 1990, p. 13).

O autor trata que havia um sítio próximo ao engenho Geraldo que ficava às margens da atual rodovia que liga Alagoa Nova à Campina Grande que “guarda o nome de Aldeia Velha”(SALES, 1990, p. 15). E que tal lugar corresponde ao antigo aldeamento dos Bultrins e fica localizado entre os engenhos Geraldo e Bonito que pertencem ao município de Alagoa Nova.

Segundo Leal (1972) *apud* Sales (1990), os primeiros povoadores da região conhecida como Vale de Travessias foram os portugueses, vindos da Bahia, com escala pelo feudo dos Oliveira Ledo. Estes colonizadores requereram sesmarias nas margens dos rios que serpenteiam os Cariris Velhos. Entre estes desbravadores se encontravam os pioneiros, os Abreu Tranca.

Sales (1990) mostra que os Abreu Tranca se constituíram no Cariri o grupo pioneiro da família do coronel José de Abreu e Tranca que se casou com Maria Tavares Leitão. Dessa união nasceram três filhos, José de Abreu Tranca, Clemente de Abreu Tranca e Francisco de Abreu Tranca. Segundo o autor, são os únicos que se têm notícias, mas podem ter existido outros filhos. Ele diz que encontraremos descendentes de Clemente de Abreu Tranca e Francisco de Abreu Tranca residindo em terras que hoje correspondem a Alagoa Nova. O alferes José de Abreu Tranca, buscou a região úmida do brejo e foi sesmeiro do Olho d'Água da Prata na região.

A partir do que nos mostra Tavares (1910) *apud* Sales (1990), foi em 21 de fevereiro de 1763, no Governo de Francisco Xavier de Miranda, que foi despachado o requerimento de numeração 596 atendendo ao pedido de Maria Tavares Leitão e seu filho José de Abreu Tranca, que reportavam terras devolutas no Cariri, no lugar Olho d'Água da Prata e pediam por sesmarias. Com relação a esta sesmaria Sales (1990) nos diz que:

Ao sul confiava com os terrenos dos índios Bultrins aldeados nas proximidades do sítio, hoje conhecido pela denominação de Aldeia Velha, entre o Geraldo e o Bonito, no atual município de Alagoa-Nova (SALES, 1990, p. 27).

Região que segundo ele pertencia aos Abreu Tranca, a povoação Olho d'Água da Prata é conhecida até os dias atuais e situa-se próximo ao engenho Olho d'Água. Segundo Tavares (1910) *apud* Sales (1990):

Não muito distante do pião da sesmaria do Olho d'Água da Prata, no divisor de águas e próximo de uma depressão que se transformava em lagôa nas fases chuvosas, se formou aglomerado de casas. O lugarejo tomou o nome de Alagoa Nova, e já existia em 1778. (SALES, 1990, p. 31).

Este pequeno trecho é citado por Sales (1990) para retratar as raízes do município como surgiu Alagoa Nova. Segundo ele, a região possivelmente era ponto de parada para aqueles que buscavam os produtos que no brejo eram produzidos.

Segundo Tavares (1910) *apud* Sales (1990) o aglomerado de casas que deu lugar à Alagoa Nova permanece obscuro, pois a referência mais antiga que se tem é do requerimento que foi formulado por Luis Barbosa da Silva em novembro de 1778, onde se solicita sobras de terras da sesmaria Jardim, que começa na passagem do Riachão pela estrada que liga Areia a Alagoa Nova. Sales (1990) diz que essa estrada ligava o vale do Capimaçu, escalava contrafortes existentes e pelo divisor do Pau d'Arco alcançava Alagoa Nova.

Camara (1947) *apud* Sales (1990) fala que Campina Grande foi elevada a categoria de vila em 6 de abril de 1790 “e o povoado de Alagoa Nova passou a constituir parte integrante da Vila Nova da Rainha” (SALES, 1990, p. 37). Sales (1990), baseado no inventário do capitão José de Abreu Tranca um dos pioneiros do povoamento da região de Alagoa Nova, diz que seu falecimento foi em 1798 e que uma missa em memória de sua alma foi celebrada na capela de Alagoa Nova.

O autor com base no inventário do capitão mostra que Alagoa Nova “era um centro produtor de farinha” (SALES, 1990, p. 38), pois entre seus bens havia uma casa de farinha e aviamentos. Para o autor, a região de Alagoa Nova no período tinha o cultivo de mandioca como produto que movia a economia da região do brejo. Para Pinto (1916) *apud* Sales (1990), Alagoa Nova é elevada a categoria de Distrito de Paz por ato do Presidente, em 22 de fevereiro de 1837.

Com relação ao surgimento da paróquia de Santa Ana, o autor trás que o padre Antônio Ferreira da Luz, o quarto vigário de Campina Grande solicitou ao Bispo Dom José Joaquim Azevedo Coutinho, que a capela existente a seis léguas

do nordeste de Campina Grande, que se situava no coração do brejo, fizesse jus a invocação de Santa Ana. Segundo Uchôa (1964) *apud* Sales (1990):

Requereu o padre Graciliano Leitão, ao Bispo da Diocese de Olinda, depois de detalhada exposição, o desmembramento da freguesia de Campina Grande, com a criação da paróquia de Sant'Ana de Alagôa – Nova (SALES, 1990, p. 57).

O autor nos trás essa citação para mostrar que a partir do momento em que Alagoa Nova foi desmembrada da freguesia de Campina Grande, ela se torna uma freguesia. Salles (1990) fala que ocorreu um intervalo entre a criação e a instalação da freguesia, ela ocorreu em 5 de setembro de 1850 e o primeiro livro de batizados da nova paróquia é assinado pelo padre Firmino de Melo Azevedo e, segundo ele, data de 1850.

Sobre a festa da padroeira Sales (1990) nos trás um tópico em seu livro, onde ele aborda memórias da festa, no capítulo XI de seu livro em que trata sobre os acontecimentos da década de 1910, Sales (1990) diz que o grande acontecimento social de Alagoa Nova era a festa da padroeira, que se encerrava no dia 2 de fevereiro. Segundo ele, havia o novenário e os noitários que eram trabalhados no sentido de oferecer a comunidade festejos religiosos e profanos.

A igreja e a rua principal eram iluminadas por bicos de acetileno, que complementavam a iluminação pública de lampeões. Concluídas as cerimônias religiosas, se iniciava a retrata ao som harmonioso da banda local (SALES, 1990, p. 110).

Segundo Sales (1990), moças e rapazes locais e visitantes desfilavam pelas ruas todas iluminadas após o novenário, apresentando seus modelos de roupas, vestidos elegantes e eles os seus ternos de casemira ou de linho branco.

Apesar da obra de Sales não especificar o surgimento da festa, o autor mostra que o município de Alagoa Nova nas suas origens quando ainda era uma vila, tornou-se paróquia de Santa Ana passando para categoria de freguesia e que as memórias sobre a festividade que o autor trás em seu livro, nos mostra o quanto esta festividade é antiga no município e como ela faz parte da sociedade alagoanovense.

3. A festa de Santa Ana de Alagoa Nova representada no olhar de seus moradores

A festa de Santa Ana faz parte do cenário cultural da cidade de Alagoa Nova. É um espaço de sociabilidade entre os moradores do município e dos visitantes de outras localidades que veem para prestigiar a festa. A história desta festa está cravada no coração e na memória das pessoas. Temos como foco trazer a festa a partir da memória de moradores da localidade durante o período que vai de 1960 a 1980, enfatizando seu lado profano e como tais moradores descrevem este festejo, cujas lembranças são marcantes, pois o que ficou guardado em suas memórias foi um período em que o pavilhão de Alagoa Nova era ponto central da festa.

Quando o tema foi apresentando para os sujeitos da pesquisa, eles buscaram destacar além dos fatos presentes em suas memórias, o que vivenciaram e o que conhecem sobre o município e trouxeram também o que escutaram de seus pais e parentes mais velhos. Um dos entrevistados nos trás sobre o surgimento da paróquia de Santa Ana em sua fala quando nos conta:

Então, pela lei número 6 de 22 de fevereiro de 1837, foi elevada a categoria, vamos dizer assim, de distrito de paz e criado a paróquia de Santa Ana. Quanto à festa em si, ela só vem se afirmar mesmo com a evolução da própria comunidade. Os paroquianos, então, se ela é de 1837, a festa de Sant'ana com mais precisão deve ter iniciado pelos meados de 1850 pra cá (Luciano Francisco de Oliveira).

Segundo o que o morador nos conta, a festa de Santa Ana surge com a paróquia. Com a sua criação, a pequena povoação na época passou a celebrar a santa. Outro dado apresentado pelos entrevistados foi que durante o paroquiado de Monsenhor José Borges, a festividade era comemorada no mês de fevereiro e como o mês desta festividade era marcado por períodos de chuva,

Agora um dado interessante é que como nossa cidade Alagoa Nova brejeira e nos tempos hidros, era marcada por muitas chuvas, período de inverno rigoroso, a partir de 30 pra cá principalmente com o paroquiado de Monsenhor José Borges de Carvalho, começou ele a trazer a festa de Sant'ana para 20 do mês de fevereiro, que coincidentemente seria o mês de nascimento do nosso estimado indelével padre Monsenhor José Borges de Carvalho, como cai muito bem o aniversário da paróquia (Luciano Francisco de Oliveira).

A este mesmo respeito, o senhor Pedro Saulo Bezerra de Melo destacou que:

Então antes a festa de rua de Alagoa Nova era em julho há muito anos, foi padre Borges, acredito que Luciano disse isso, entre janeiro e fevereiro, né, filha? Porque existia Esperança, Lagoa de Roça, depois Alagoa Nova. Por, pelo período chuvoso e aqui nos temos no hemisfério sul, né, verão. Então, o que é que acontecia a festa de tanto, final de janeiro até final de fevereiro (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

Como podemos perceber o período em que era celebrada a festa de Santa Ana na cidade de Alagoa Nova, era marcado por dias chuvosos e também coincidia com o mês de aniversário do padre que se fazia presente na paróquia. Segundo o que nos conta um dos moradores, grande parte de suas memórias são do período em que padre Monsenhor José Borges se encontrava na paróquia. E o outro nos conta até quando foi seu paroquiado e como o mês de comemoração da festa mudou após sua morte. “Monsenhor José Borges de Carvalho, que ele teve o início de seu paroquiado em 1937 que antes era padre João Antônio de Melo, antes de Monsenhor José Borges” (Luciano Francisco de Oliveira).

Na sua referência ao pároco Luciano Francisco de Oliveira aponta que:

Após a morte de Monsenhor José Borges com novos párocos, definiu-se que o certo era comemorar a festa de Sant’ana com o conhecimento social que arregimentava toda a população para que voltasse a ser o mês de Sant’ana mesmo (Luciano Francisco de Oliveira).

Enfatizando tais aspectos Pedro Saulo Bezerra de Melo mostra que:

A festa de 80, padre Borges vem falecer em fevereiro daquele ano. Se não me engano dia 22, mas a festa de janeiro houve aí a festa de 80 em julho, volta a ser em julho. Como nas primeiras décadas do século XX, certo? (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

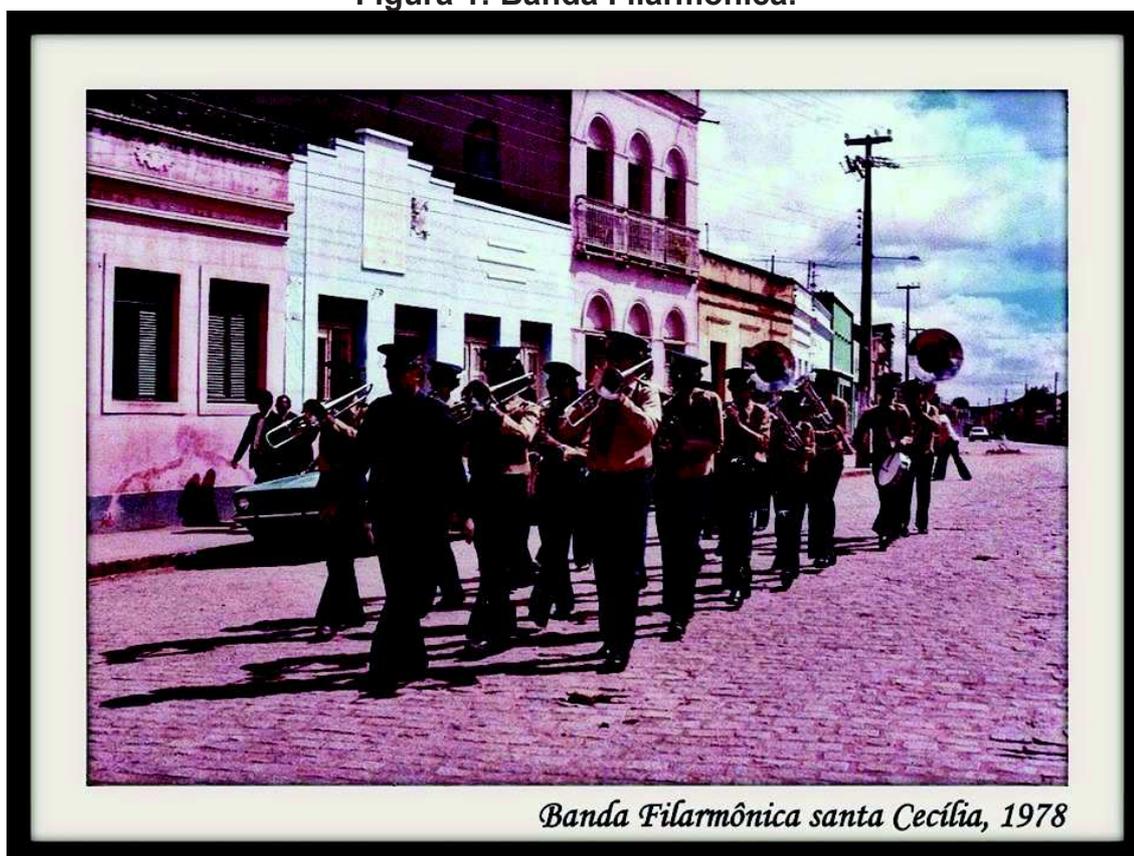
O foco deste trabalho é apresentar o aspecto profano da festa através da memória de moradores do município de Alagoa Nova, mas vale aqui ressaltar a fala do entrevistado em que é citado o lado religioso da festa. Sobre o lado religioso do festejo ele nos relata que:

A festa religiosa geralmente era uma semana de domingo a domingo ou mais precisamente sete dias antes de chegar o dia 26 que é o dia de Sant’ana, que era culminava como sendo, hoje como é de costume com a grande missa com a homilia do bispo diocesano de Campina Grande. Com isso, uma procissão pelas ruas da cidade

com São Joaquim e Santa Ana. Certo, essa era a parte religiosa (Luciano Francisco de Oliveira).

A foto a seguir representa a banda que tocava na alvorada do dia de Santa Ana.

Figura 1: Banda Filarmônica.



Fonte: Facebook (Alagoa Nova, Pb, a princesa do Planalto da Borborema).

Um dos marcos da festa da padroeira em Alagoa Nova é a festa no pavilhão que faz parte do lado profano do festejo e está presente também na memória de seus moradores como o ponto de encontro dos munícipes durante os dias da festa profana. O morador Luciano Francisco de Oliveira em sua fala ao retratar a mudança no mês de comemoração do festejo, nos conta como eram montados os pavilhões.

Então, seja bem para uma motivação maior da festa profana que era a festa dos pavilhões, de grandes pavilhões, os pavilhões eram grandes latadas. Que nos chamávamos na época de latadona. Latada, porque interessante, porque vem o termo uma rupitela que se formava foquilhas, com linhas, caibos e botavasse na época coberta com palhas de coqueiro, palmeiras. E a latada vem do, de uma rupitela, quando o pobre da periferia não tinha como cobrir, não tinha condições de ter a telha tradicional, a tradicional telha de barro,

botava latas zincadas, folhas de zinco. Por isso que se chamava latada (Luciano Francisco de Oliveira).

Sobre as práticas culturais que se faziam presentes dentro do pavilhão durante o período, ambos os entrevistados apresentam em suas memórias, o que acontecia dentro deste local que era um dos pontos principais da festa.

Então o pavilhão era esse ponto culminante da festa profana, que na verdade motivara muito a disputa de várias que eram intituladas como “cordão vermelho” que não era vermelho e a gente chamava “cordão encarnado”, cordão azul e cordão encarnado (Luciano Francisco de Oliveira).

Ressaltando o lugar do pavilhão, Pedro Saulo Bezerra de Melo:

Que eu me lembro que o pavilhão de 80, eu era um garotinho foi naquela praça central, que é uma praça até que vive desprezada, né? Mas o pavilhão foi ali. Então o pavilhão, no pavilhão existia dance, existia a questão quando tivesse uma pessoa que prendesse, uma pessoa vai prender você quem vai tirar é seu paquera, né? Então, mesmo eu sendo evoluído na década de 80, me prenderam no pavilhão. Eu não paquerava com nenhuma menina. Então, eu saí de meia noite a base de vaia. Foi minha mãe que foi me buscar dentro que eu tava preso, pra dar 10 reais, o coisa, entende (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

O pavilhão também era marcado por leilões.

Depois dava a festa em si no acirramento dos leilões, os leilões eram ofertas dos paroquianos, geralmente tinha na época além do pavilhão em si, tinha também é, vamos supor assim, ofertas dos senhores agricultores, dos proprietários da terra que, por exemplo, doava um garrote, daí esse garrote já era pra fazer-se um bingo, uma rifa, porque o dinheiro arrecadado, coletado desse bingo era pra fazer frente arrecadação de ajuda pra paróquia (Luciano Francisco de Oliveira).

A este mesmo aspecto ressalta ainda:

Então, nas noites do pavilhão a parte que seria dada pra leilão era muitas galinhas assadas, perus, pratos salgados, que naquela época não chamava salgado, mas prato de quitutes, que se chamavam. E se juntavam todas essas doações para serem leiloadas e seriam sempre preços acima do normal, porque o intuito era arrecadar dinheiro para a igreja (Luciano Francisco de Oliveira).

E era animado, segundo o que nos conta um dos entrevistados, por músicas do período.

E outra coisa o que é que anima o pavilhão além do que as pessoas que vão colaborar, o que anima é juventude. Se você pegar, eu me lembro que na festa de 80 eu era uma criança, 80 a segunda festa então. Eu me lembro que a juventude estava toda dentro do pavilhão, por quê? Porque existia o Brilha Som 2000, o som de um rapaz chamado Laurivando, fizeram um dance no meio, mas lotou, entende? E era animado. [...] Depois veem que de qualquer forma chega, tinha um rapaz que tinha uma pipoqueira com som, sabe? 80 isso ele vinha 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88. Ele tinha uma pipoqueira que tocava os hits do momento. A gente curtia, nera? Hits como dos Paralamas, sabe? A gente pegou o fim de Inácio e seus Blue Caps. Então, a gente curtia também o Caetano, era tudo isso que o nível cultural era melhor (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

Na figura 2 abaixo, marca os encontros festivos dos munícipes nas festas promovidas.

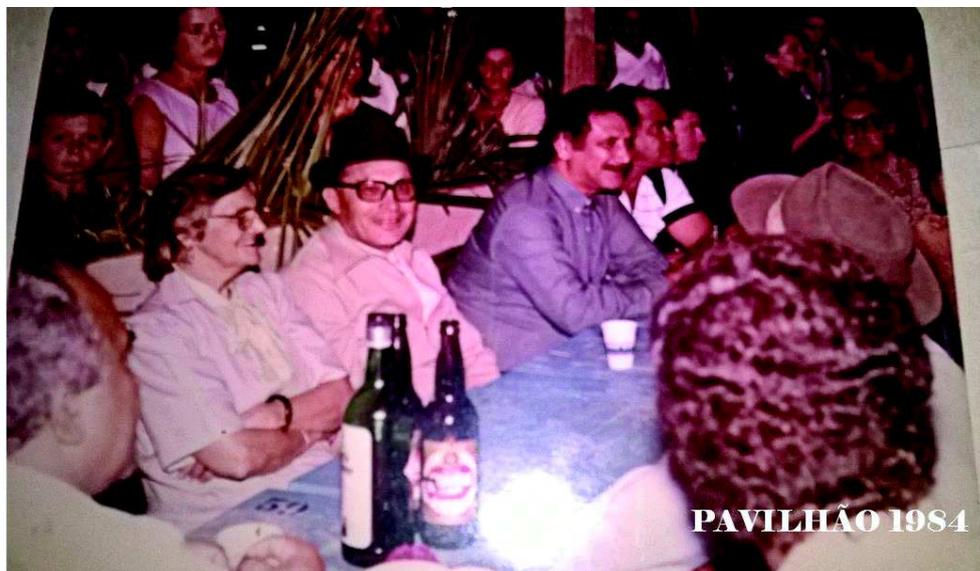
Figura 2: Encontro no Pavilhão em 1985.



Fonte: Acervo de Pedro Saulo Bezerra de Melo.

A figura 3 faz referência de como eram as comemorações dentro do pavilhão.

Figura 3: Pavilhão 1984.



Fonte: Acervo de Pedro Saulo Bezerra de Melo.

Com relação à festa, os entrevistados durante o depoimento relataram como se encontrava a cidade nos dias de festejos e como ela proporcionava também a visita de parentes distantes que vinham prestigiar a festa.

Então, havia muita movimentação a cidade ficava engalanada de folguedos, de tudo isso em reverência, reverenciando a nossa padroeira. Então, o olhar que eu tenho são os mais bucólicos e saudosistas que podemos registrar. Porque eram dias diferentes, onde a juventude procurava principalmente as moças da sociedade, as moças jovens procuravam se engalanar, botar a melhor roupa para o desfile de moda. Na realidade eram desfiles de modas, as festas de padroeira, como também o seguimento masculino, também, todos se tornavam pessoas envolvidas na festa. Criava aquele clima de glamour, o clima do máximo que era a festa da padroeira (Luciano Francisco de Oliveira).

Chamando atenção para os aspectos memoriais da festa, Luciano Francisco de Oliveira mostra que:

Devido à festa ser tradicional ter ambos familiares de Alagoa Nova por todo esse Brasil afora e participava muita gente, vinha ter o prazer. Então, mês de julho, mês de Sant'ana é a festa da padroeira de Alagoa Nova. Daí vinha os primos, vinha enteados, parentes de toda maneira do sertão, todos tinha o maior prazer de vim para a festa de Sant'ana. Então, sempre havia essa simbiose, essa interação, na palavra moderna hoje, das famílias que participavam e considerava os amigos, os familiares (Luciano Francisco de Oliveira).

Ressaltando em suas lembranças a festa e como em sua visão e memória ela é vista por Pedro Saulo Bezerra de Melo:

Eu me lembro que meu pai então prefeito de Lagoa Nova aproveitava o Natal. Então, colocava luzes coloridas da igreja até a Praça Santana e permanecia até a festa de rua, pra ficar enfeitado. Então, era uma coisa que o pavilhão de Lagoa Nova, o pavilhão da festa era algo muito esperado (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

Sobre a organização da festa, um dos entrevistados destaca:

Então, era eleito equipes, de jovens, de senhoras da sociedade, que se encarregavam de criar uma comissão para a festa. Então, aquelas senhoras que eram ligadas a paróquia de Sant'ana elas se reuniam sobre o comando do padre, eu posso contar muito bem sobre o paroquiado de Monsenhor José Borges de Carvalho para tomarem a frente, formarem uma comissão organizadora da festa de Sant'ana (Luciano Francisco de Oliveira).

Inicialmente, como nos mostra sua fala, a festa no pavilhão era organizada por essas equipes que eram formadas por senhoras da sociedade. Em sua fala ele também nos trás o nome de algumas dessas senhoras que durante o período contribuíam na organização do festejo.

E podemos citar é pessoas da sociedade, como a enfermeira Sofia de Castro Costa, a dona Teófola Araújo Ramos, Dona Teófola era a esposa de Júlio Floro Ramos que era coletor estadual na época, pessoa, e era integrada a sociedade. Tínhamos a Maria Aparecida Carvalho Pinto, dona Aparecida esposa do ex-prefeito Lourival de Carvalho e Costa, tínhamos senhoras das mais diversas categorias, que aqui não me falhe a memória, mas era uma teia de, um elenco de grandes senhoras da sociedade que participavam dessa comissão. Tem Estelita Cardoso, tínhamos Creusa Araújo e diversas senhoras da sociedade. E elas organizavam esse grupo da festa em si, essa festa era mais a festa de pavilhão que nós chamávamos, que era aquele ponto de encontro da sociedade de Alagoa Nova que perdurava nos últimos três dias finais da festa (Luciano Francisco de Oliveira).

A maneira como a festa era organizada marcou a vida dos munícipes, como mostra Luciano Francisco de Oliveira:

A parte profana era sempre promovida por essa comissão dessas senhoras da sociedade, senhoras também católicas praticantes da igreja de Sant'ana. E elas participavam organizando. Então, organizava as garçonetes, as garçonetes eram uma equipe que iam atender ao pavilhão, tanto o lado encarnado como o lado azul, e

essas garotas eram todas abalizadas e escolhidas por essas senhoras (Luciano Francisco de Oliveira).

Um dos entrevistados trouxe em sua fala que as senhoras da sociedade organizavam as moças que seriam escolhidas para serem garçonetes dentro do pavilhão. O outro entrevistado em sua fala diz que:

Quando, por exemplo, até aí, acredito que na década de 50, 60, mas depois eu lembro que eram convidadas comumente. Porque eu lembro que o pavilhão de 78, eu era uma criança muito jovem e algumas meninas que fizeram parte do Misse Alagoa Nova 78, assim a metade delas foram garçonetes (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

Outra prática cultural presente, eram os jornais de festa que circulavam dentro do pavilhão, que tinham o teor de divertir as pessoas.

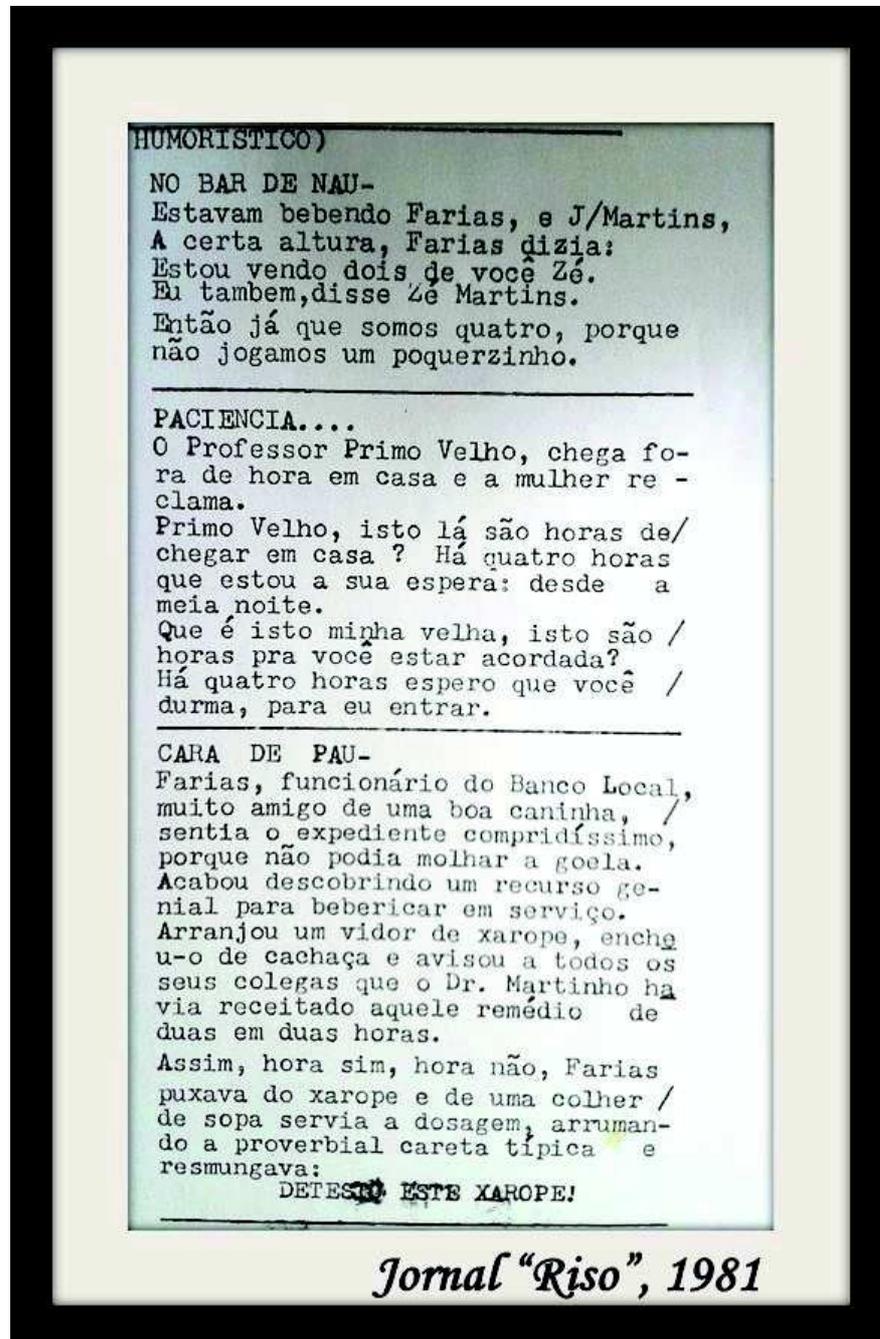
Por exemplo, o professor Clodomiro Leal ele foi um dos propulsores do jornal de festa pública, de jornal cômico de festa de rua que circulava dentro do pavilhão. Então, quando foi a partir, você percebe que o jornal cômico dentro, que circulava dentro do pavilhão de qualquer forma era um teor de bullying, sabe? Então, o jornal de festa de rua sempre foi tradição em Alagoa Nova (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

Luciano recorda da importância e papel do jornal na festa quando mostra que:

É tanto, hoje ainda continua a página social dos jornais. Então, diante disso tinha aqueles com a mentalidade mais fértil que tinham mais é tendência a formalizar um folhetim, tipo novela, que nós chamávamos jornal da festa, aonde tinha uma equipe de redatores que não se identificavam, porque provocam a ira de muitos, que era de uma forma ou de outra registrados ou fofocados naquelas páginas. Então, havia toda uma comparação dos personagens de novela com as pessoas do lugar, personagens do cinema com as pessoas do lugar. Aqueles que tinham um vestir típico, um vestir atípico, a forma da pessoa se expressar, de conviver na sociedade, era motivo de muitas críticas jocosas, insultos, mas visando simplesmente dá um teor de brincadeira, que às vezes uns levavam como brincadeira de mau gosto, porque se sentiam realmente insultados (Luciano Francisco de Oliveira).

Na Figura 4 abaixo, apresentamos fragmentos de um dos jornais que circulava no pavilhão e o conteúdo que o mesmo apresentava em 1981:

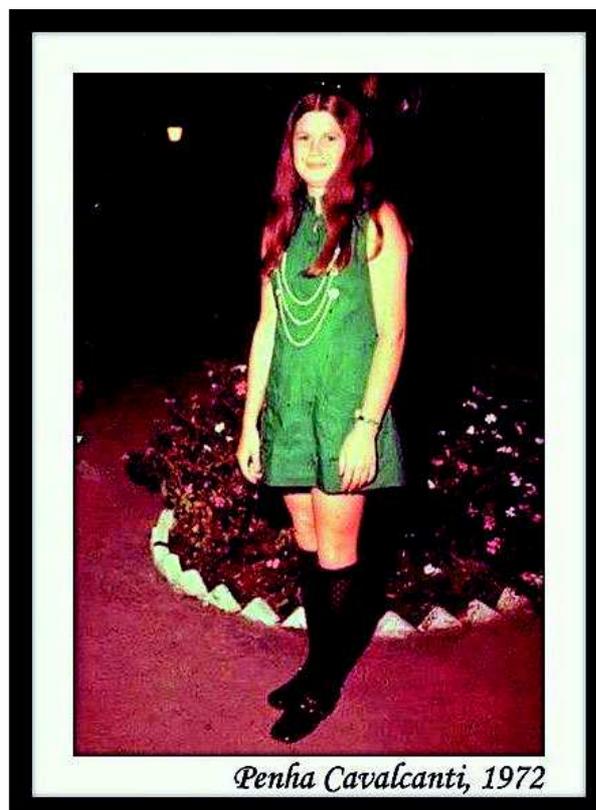
Figura 4: Jornal O Riso 1981.



Fonte: Facebook (Alagoa Nova, Pb, a princesa do Planalto da Borborema).

O pavilhão, segundo a fala dos entrevistados, nos mostra que também era marcado por disputas que tinham como intuito arrecadamento de fundos para a manutenção da paróquia, assim, como também se tinha a eleição das garçonetes.

Figura 5: Garçonete de 72.



Fonte: Facebook (Alagoa Nova, Pb, a princesa do Planalto da Borborema).

No momento de festividade, o pavilhão era esse espaço de sociabilidades, encontros, comemoração e de competição, de causos acontecidos no decorrer da festa, como nos mostra Pedro Saulo Bezerra de Melo:

Em 72 teve a eleição do pavilhão era loiras e morenas, certo? Entende? E em 80 houve também loiras e morenas. Aí eu me lembro no pavilhão. Mas, esse de loiras e morenas foi em janeiro de 80 repetiu o de 72. Exato essa arrecadação que havia então você era garçonete então botava 10 garçonetes pro um lado e 10 garçonetes do outro. Então, o caba podia botar, teve o time do Cruzeiro em Lagoa Nova e teve o CSA. Eu me lembro que no ano de 79, foi o Cruzeiro e CSA dentro do pavilhão, entende? Eram os dois times botava 10 meninas era convite. Então, o Cruzeiro ganhou a candidata do Cruzeiro. Quem vendia mais, então assim, chegava uma rifa, “quanto era isso aqui?” vamos supor, é cinco reais. Então, a menina que vendia todas aquelas rifas, era a eleita. Ninguém sabia, só no dia (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

A este respeito, Luciano Francisco de Oliveira lembra que:

Então, eu lembro muito bem de épocas que eram agricultores versos comerciantes. Então, de um lado ficava os comerciantes da comunidade do município de Alagoa Nova, aqueles participantes, e agricultores. Então, tinha os senhores de engenho, participação de

trabalhadores na autonomia, que dizer pequenos proprietários. Todos esses produtores rurais eram chamados pra participarem (Luciano Francisco de Oliveira).

Além das disputas de cordões e da participação de garçonetes dentro do pavilhão, vale destacar outras práticas que se faziam presentes, como os concursos.

Depois em épocas outras não todos os anos, tinha também a disputa da eleição da boneca, a criança mais bonita angariava mais votos. Tudo na parte financeira, crianças filhas das damas da sociedade, das pessoas que participavam de todas as comissões, das festas. Então, tinha também a eleição da boneca da festa de Sant'ana. Eram crianças eleitas a partir da venda, podemos dizer assim, do voto, tinha tantos votos, tinha um valor estimado, de na época em cruzeiro, era a nossa moeda. [...] Disputa acirrada de pessoas, mas bem aquinhoadas financeiramente e tínhamos os conterrâneos que vinham de fora, tinham o prazer de esbanjar um certo poderio financeiro pra se destacar nestas disputas. Essa era a festa tradicional de Sant'ana que rolava de uma forma muito efusiva, muito participativa (Luciano Francisco de Oliveira).

Outro fato destacado pelos sujeitos desta pesquisa, quando lhes perguntei sobre suas memórias, eles relataram os parques de diversões que vinham para a cidade e permaneciam até o final da festa. A festa apresentava ainda o postal sonoro e parques de diversão que provocavam a aproximação entre os sujeitos.

Das minhas memórias, eram a difusora do parque de diversão, que eu acho que deveria, hoje que quase não ver isso aí. Isso era uma coisa que era um postal sonoro, então oferecia A,B,C. Eu me lembro que existia Dona Nenê uma senhorazinha que era sogra de Dior, ela era muito caridosa, passava um bicho na rua ela criava. Eu me lembro que José Paulino oferecia a ela "a velha de baixo da cama" naquela festa da padroeira de 77 (Pedro Saulo Bezerra de Melo). Tinha os parques eu lembro muito bem, o parque Dos Lima, tinha o parque Dos Lima que era um destaque muito grande e o parque Maia, havia até, uma disputa quem apresentava os melhores brinquedos da época. E sempre se inovava com a sombrinha, e outros brinquedos que era os verdadeiros, e despertar de participação do povo (Luciano Francisco de Oliveira).

Para finalizar pedi para que os entrevistados relatassem suas melhores lembranças da festa e que dissessem seus nomes e suas idades.

Nós contava os dias pra chegar a festa de Sant'ana, pra dar um passeio na roda gigante que era o que mais impressionava e o que mais pregava medo e tinha os balanços, cavalinhos, tinha uma série de, como até hoje tem. Mas, naquela época devido às dificuldades de comunicação, de acessibilidade, de informação, era um encanto para as crianças da época [...] Hoje eu estou com 61 anos. Luciano

Francisco de Oliveira, certo? Um amante e memorialista das terras bultrinenses (Luciano Francisco de Oliveira).

Nas memórias de nossos informantes, o tempo de festa era um reencontro com lembranças alegres daqueles momentos.

Me marcou os bilhetes dentro do pavilhão, me marcou essa difusora, me marcou eu achava lindo a rainha do pavilhão, né, eleita. E eu esperava como criança aquele, ver as pessoas produzidas, ver as pessoas que visitavam que era de Alagoa Nova e moravam fora, visitando o lugar. Ver, ouvir as músicas como criança e adolescente, as músicas que eu curti tocar dentro do pavilhão. Sabe, ver a emoção de esperar o mês de dezembro, a gente sabia. Eita, tá chegando à festa da padroeira! Então, as lembranças que eu tenho é de gente alegre, a lembrança que eu tenho gente visitando, é os parques que eram engraçados, a canoa que a gente de madrugada, os cabas do parque estavam dormindo, a gente tinha um pau que prendia a canoa a gente tirava e eu ia no meio, ficava bagunçando a turma jovem ficava todinha na canoa até os cabas vim e a gente correr. [...] Pedro Saulo Bezerra de Melo, nasci no dia 29 de julho de 68. Então, minhas lembranças vai da década de 70, porque eu tenho memória, até recente, quando eu animei o pavilhão fiquei muito a par com o jornal “fusarca” (Pedro Saulo Bezerra de Melo).

Como ficou representada nas falas dos entrevistados, a festa de Santa Ana em Alagoa Nova, com seu lado profano unia as famílias alago-novenses para comemoração dos festejos, trazia parentes vindos de outras cidades, como também turistas. Era o encontro social de pessoas de diversos lugares e durante as décadas que resolvemos enaltecer, ela ainda permanecia no seu auge, as pessoas se reuniam para festejar e para arrecadamento de dividendos que eram para a manutenção da paróquia de Santa Ana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discutimos sobre a festividade de Santa Ana na cidade de Alagoa Nova. Através da memória de dois de seus moradores podemos viajar no tempo e conhecer práticas culturais que se faziam presentes no festejo nas décadas que vão de 1960 – 1980, como também através dos autores apresentados, podemos perceber como a temática se faz importante e que os estudos sobre festas ganharam importância na historiografia ao longo dos anos.

Este trabalho é de grande contribuição para os estudos da história no campo cultural. Para os estudos culturais, ele se apresenta com novas fontes e como uma

nova compreensão acerca do tema das festividades. As diversas transformações que sofreram o conceito de cultura durante a história e a sua amplitude, nos permite relacionar as festividades como expressão cultural importante.

Metodologicamente a sua contribuição trás o surgimento de novas metodologias para a história cultural e, do ponto de vista historiográfico, é uma nova historiografia que surge, é uma nova escrita para a história a partir das festividades. Esse trabalho contribui para a linha de pesquisa Cidade, Memória e Patrimônio, do Curso de História, porque ele vai trazer novos olhares e reflexões para esta linha a partir do tema escolhido. Trabalhar com a festividade articulada a cidade, através do olhar da memória de seus moradores, permite redimensionar a festa como patrimônio e a importância dela para a comunidade.

ABSTRACT

The feast of Santa Ana constitutes an important cultural patrimony of the city of Alagoa Nova - PB, because of its aspects, religious and so-called profanes, the feast has been marking the history of the city. This study approaches the festivity under the perspectives of the spaces of fun, recreation and sociability that the citizens of the city experienced from what was happening in the feast. And it's in this perspective that we brought this propose of the feast of Santa Ana in the city of Alagoa Nova-PB, at the period that goes by 1960 - 1980, as a study about the locality. This festivity is part of the county's history as being an immaterial patrimony of the city of Alagoa Nova. Having the feast as an object of study, our goal is to analyze how the feast of Santa Ana it's represented between the citizens of the city of Alagoa Nova. The methodological paths of this research were centered in a thematic oral history methodology, in which we use as source, the semi structured interview and photographs. The subjects of our research were the citizens of the city of AlagoaNova, that were part of the organization and the history of the feast and have knowledge about the festive event. We glimpse that the study about this festivity have a great importance to contribute with the construct of the city's history, because it concerns a new perspective about the local, establishing a relation with this and the cultural practice that is present in the county and it's part of this history.

Keywords: Festivity. Memory.City.Culture.

REFERÊNCIAS

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. vol. 5, 1992. p. 200-215.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. História e História Cultural. In: _____. **Percursos e descobertas: a arqueologia da história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 19-37.

_____. História e História Cultural. In: _____. **Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 39-62.

BARROS, José D'Assunção. Cidade e História. In: _____. **A emergência da reflexão sobre cidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-18.

_____. Cidade e História. In: _____. **As imagens da cidade na reflexão urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 19-46.

BUKER, Peter. O que é história cultural? In: _____. **A grande tradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 2005. p. 15-31.

_____. O que é história cultural? In: _____. **Problemas da história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 2005. p. 32-43.

CERTEAU, Michael. A cultura no plural. In: _____. **A cultura na sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2 ed. 2001. p. 191-219.

CUCHE, Denys. As noções de cultura nas ciências sociais. In: _____. **A invenção do conceito científico de cultura**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 33-63.

COUTO, Edilece Souza. Dossiê Identidades Religiosas e História. In: _____. **Devoções, festas e ritos: algumas considerações**. Revista brasileira de histórias das religiões: 2008. Ano, 1. N.º. 1. p. 1-10.

FREITAS, Sônia Maria. História Oral: possibilidades e procedimentos. In: _____. **História oral: a busca de uma definição**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 2.ed. p. 17-25.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Júlia Santos; PINTO, Odilon. **Festas culturais: tradição, comidas e celebrações**. Salvador – BA: I Encontro Baiano de Cultura | EBCULT – FACOM/UFBA, 2008. p. 2-36.

GONDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva, memória social**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica de Ciências Humanas, ano 08, número 13, 2008. p. 1-6.

SALES, José Borges de. **Alagôa – Nova. Notícias para sua História**. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipogressos Ltda. 1990. p. 7-221.